

# REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest. 18 n.es	Trim.	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	46000	15900	8950	5120
Possessões ultramarinas (idem)		25000	-8-	-5-
Extrang. (união geral dos correios)		25500	-8-	-5-

21.° Anno — XXI Volume — N.° 688

10 DE FEVEREIRO DE 1898

Redacção - Atelier de gravura - Administração

Lieboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

# \*

#### CHRONICA OCCIDENTAL

Lindo inverno! Talvez que pela proximidade do entrudo lhe viesse á lembrança o mascarar-se de primavera. Ou seria a linda moça, coroada de rosas e papoilas, que se metteu a fazer contractos com o classico velho de longas bar-bas branças friorento, quio retrato por

bas brancas friorento, cujo retrato por ahi vemos aquecendo as mãos anemicas á luz d'uma lamparina? Cuidado com a caprichosa! Sabe Deus o que nos espera!

O que é, porém, certo é que raras vezes o ceo de fevereiro vestiu por tantos dias um manto de estofo azul tão rico, todas as noites marchetado pelas mais fantasticas e luminosas pedrarias l

A Avenida, todas as tardes, cheia de movimento; os theatros á cunha todas as noites! Nem uma careta no céo, nem um salpico obliquo de chuva na vidraça, a porem-se ao lado dos paes de familia economicos!

Meninas, hoje, como vêem, não é

possivel!

— Meninas, hoje, como veem, não e possível!

E o entrudo já tão perto!

Já nos estancos, tristes como cabeças de guilhotinados, baloiçam-se nos preguinhos as caraças fantasticas, de risos gelados, de lagrimas risiveis: velhos d'oculos verdes, narigudos desconformes, hydrocephalos delirantes, olhos ophtalmicos, boccas de hydrophobos.

Pode a fantasia humana trabalhar na criação do feio; ha de sempre a natureza levar lhe a palma.

Já de cada janella vão cahindo as borlas de papel sobre os chapéos de côco. Os chapéos altos vão pelo meio da rua, como os americanos.

Foi ao apparecer das mascaras de talon rouge e meias cahidas, dirigindose com gravidade para os primeiros bailes da Trindade, que surgiram os boatos de crise ministerial. Apontavam-se os nomes dos que haviam de entrar, o sr. Alpoim, e o sr. Villaça...

O contraregra não apitou e o panno ainda não se ergueu sobre as faladas modificações.

Noticias de muito maior importan-

modificações.

Noticias de muito maior importan-cia nos chegaram de Coimbra, terra de estudantes. Houve momentos em que se suppoz que se tratava de uma quasi revolução. A historia conta-se em meia duzia de palavras, embora pareça absur-da a conclusão. Partida de republica-nos para o Porto. Partida de monar-chicos para Lisboa. Resultado final: — Todos contra o commissario de po-

Gritos, troças, toiradas, cutiladas, um tiro que não acertou em ninguem, varias prisões acertadas e desacertadas, correrias, alarmes, volumes em telegrammas e, finalmente, chegada de D. João de Alarcão, novo governador civil substituto, que pôz o ponto final, suspendendo o commissario.

Rapaziadas. Fantasias.

Escreveu Balsac: «Sans doute il faut rester jeune pour conprendre la jeunesse.»

Devido a isso e por esquecimento do que todos nós já fomos, uma parte da imprensa pareceu querer approvar o uso da força contra os que primeiramente pugnavam em favor de idéas, que, sempre, mais ou menos, aquecem cabeças de vinte annos, e depois, ainda mais desculpavelmente, se exaltavam por sympathico espirito de camaradagem.

Os muito novos e os muito velhos em tudo hão

Os muito novos e os muito velhos em tudo hão

de metter um bocadinho de poesia. Um exaltado de vinte annos é sempre um poeta. Fusilal-os porque! Demais terão elles vida para depois tra-

porque! Demais terao enes vida para depois da tar da prosa.

Deixem que haja poetas. Os que mais, na lucta da vida, abandonavam sonhos e poesias, sentemse asphixiados ás vezes, consolam-se da perspectiva acanhada de seus solares luxuosos, procurando na obra do pobresinho a reminiscencia d'um sonho morto e lindo, como outro já não podem sentembro.

Deixem que haja quem sonhe e comnosco seus



ROBERTO IVENS - FALLECIDO EM 28 DE JANEIRO DE 1898

sonhos partilhe. Dizer á mocidade que não sonhe é como mandar a uma arvore que não floresça na primavera.

Entre um livro de versos e um artigo de fun-

do, consintam que eu prefira o livro.

Ha bem pouco, da imprensa Libanio & Cunha, sahiu a publico um novo volume de Martinho de Brederode, o auctor da Charneca.

Chama-se a nova obra O Po da Estrada.

Os titulos, que bem definem os livros, descre-vem o poeta e a doçura contrafeita d'uma fatal melancolia.

Lê-se este livro em pouco tempo. Umas duzias de poesias curtas. Mas a obra tem unidade, o que é raro em livro de versos. No mesmo estado d'alforam escriptas todas aquellas estrophes de sonhador silencioso, apaixonado pela dor propria, afagando-se com sorrisos musicaes.

Úm pequenino véo misterioso enche a alma supersticiosa do poeta, amante da noite.

Estas rimas p'rá Noite silenciosa, P'rá Noite, virgem cheia de tristeza, Cheia de graça e de ternura cheia.

Na maior parte das poesias do novo volume de Brederode, nas Janellas Verdes, nas Estradas Silenciosas, em quantas mais ainda, ha transparen-tes, impalpaveis, quasi imperceptiveis fantasmas brancos, carinhosos uns, outros quasi de pesadêlo, mas ainda assim saudosos, que passam, desli-sam, despertando de longa somnolencia indistinctas memorias do passado, arripiando-nos a es-pinha com o dedo gelado do misterio. Passamali almas de mortos, mortos ha muito, que a memo-ria conserva estremunhada de sonhos de menini-ce, ou trouxe—quem sabe?—d'além do berço. E' esse leve perfume de misterio—que mui-

tos talvez desconhecam, homens de sangue lim-pido e rubro, almas lavadas de preconceitos her-dados, brancas, muito brancas, em corpos sa-dios — são essas visões de sonhos esquecidos, que essas paginas tão simples ás vezes sabem

As coisas teem almas, almas que, sadias, can-tam nos vastos campos rumorejantes, apaixona-das gemem nos bosques, ou moribundas, sem nunca attingir o ideal da morte, choram nas rui-

Certas paizagens feriram a alma lyrica e supersticiosa do poeta. Pinta-as de cor, como ar-tista; dá-lhe a saudade as linhas de luz, branca e fria, como as do luar nas arestas dos monumentria, como as do luar nas arestas dos monumentos; o frio do pesadêlo deu-lhe a mancha negra, como a dos cedros copados. Pinta-as de cor e por isso commette erros, embora as pinte com a melhor memoria, a do coração. O sentimento erra ás vezes, mas antes a sinceridade d'um erro que a verdade na hypocrisia do sentimento.

Vejam essa Paizagem morta. Morta?... Mas a alma anda perto, vagueia sobre as ruinas, sentimol-a passar n'um gemido luguipre.

timol-a passar n'um gemido lugubre.

Na terra avermelhada, sem verdura, — Mancha disforme, nodoa parda e feia, Ruina lamentavel, triste e escura— Dorme a desmoronada e velha aldeia.

Caixilhos onde o vidro não clareia, Muros cahidos, cheios d'amargura, Que a silva trepadora cinge e enleia; Oiros de musgo, cardos com fartura.

Junto á cisterna exhausta d'um pardieiro, Uma figueira brava, ana, obesa Eleva os desgraciosos ramos tortos...

Cae um glacial e denso nevoeiro, E a muda aldeia sonha na tristeza, Na eterna paz dos velhos campos mortos...

Os novos vão-se apresentando bem, fazendo-se velhos e progredindo. Quem disse um dia que a

poesia estava a expirar?

Brevemente tres nomes dos mais novos e dos de mais talento veremos applaudidos n'um dos primeiros theatros de Lisboa. Não sejamos in-discretos e contentemo-nos por emquanto com esta pequenina vaidade de que hade haver afinal um profeta n'esta terra. Bastaria eu escrever os nomes para que todos comigo se gabassem de

Será um progresso no theatro. Todos o pedem ha tanto, só com o prazer de pedil-o, que bom foi que trez audazes se atrevessem a reali-

sal-o. E eu creio que sim.

Guardemos por emquanto o segredo. Continuam n'outros theatros as revistas em preparação e só o Gymnasio, em tempos de carnaval, se atreve a annunciar um drama.

O Papá Lebonnard foi representado em beneficio de Joaquim d'Almeida. A obra de Joan Accard, que, tão distinctamente aqui fora apresentada por Ermete Novelli, traduzida agora por Manuel Penteado e Luiz Galhardo, teve no Gym-

nasio uma nova consagração.

O theatro de D. Maria caminha com a sua Fa-

O theatro de D. Maria caminha com a sua Familia americana, em que todos os interpretes foram applaudidos, sobresahindo Rosa Damasceno. Mas não só nos theatros publicos se ouvem applausos. No theatrinho do Club do Calvario nas noites de 27 e 29 de janeiro foram applaudidissimos os interpretes das comedias A's aressas, lever de rideau, imitação de Anacleto de Oliveira, e da Torre de Babel peça franceza traduzida pelo sr. Rangel de Lima.

Mais de quinhentas pessoas assistiram á recita, acolhendo os talentosos interpretes com ruidosos e enthusiasticos applausos.

acolhendo os talentosos interpretes com ruidosos e enthusiasticos applausos.

Os papeis de lever de rideau de Anacleto de Oliveira foram desempenhados pela sr.\* D. Christina Toulson e sr. Luiz Toulson. Interpretaram a Torre de Babel as sr.\*\* D. Edewiges Barros, D. Amelia C. Cruz, D. Guilhermina Santiago, D. Sophia Ferros e os srs. João Pinto Ferreira, Augusto Blanc, Alfredo Barros, Fernando Cruz, Julio de Carvalho, João Chaves Cruz e Luiz Toulson. Toulson.

O theatro de S. Carlos, cujas enchentes successivas são caso virgem na historia das differentes emprezas, pôz finalmente em scena a opera Mario Vetter de Augusto Machado, um mestre, um delicado, um artista, um consciencioso.

Muito mais se annuncia e todos o que se im-portam com a arte portugueza esperam com an-ciedade a decisão do jury que ha de premiar um dos onze concorrentes, auctores das peças histo-ricas commemorativas do centenario da India.

João da Camara.

### \* YEC+ ROBERTO IVENS

A' mesma hora, oito da noite de 28 de janeiro, A mesma hora, oito da noite de 28 de janeiro, em que boa parte da população de Lisboa e da guarnição militar da cidade, victoriava Mousinho de Albuquerque, o heroe de Chaimite, um outro heroe tambem, que immortalisou o seu nome em Africa, desprendia a alma d'este mundo, n'um ultimo arranco de vida, que tão cara era aos seus e à patria.

e á patria.

Roberto Ivens, o arrojado explorador africano, que infileirou o seu nome ao lado dos exploradores mais notaveis, Levingstone, Cameron, ley que o mundo celebrou e applaudiu, morreu na sua casa do Dáfundo. depois de uma prolongada doença, complicada com antigas enfermida-des adquiridas em Africa e a que pôz termo fa-tal uma pneumonia dupla, em menos de oito

Como a cada momento se affirma o nada das coisas humanas, para que as illusões do mundo

oño nos empolguem completamente e nos façam esquecer a fragilidade d'este barro.

Luctas, heroismos, glorias tudo ali se vae perder, e felizes d'aquelles que, um dia glorificados, a gloria os acompanha até ao tumulo e se não vêem ingratamente esquecidos ou vilipendiados. antes que a morte lhe serre as palpebras no somno eterno.

Roberto Ivens teve os seus dias de gloria; o seu nome junto com o de Hermenegildo Capello — porque estes dois nomes andaram sempre ligados, como juntos andaram os dois exploradores nas suas viagens atravéz d'Africa,— correu por todo o mundo, como por todo o mundo correu a noticia das suas viagens, e fez reviver n'este ultimo quartel do seculo xix o nome de Portugal, dizendo bem alto que ainda se não tinha extincidad de control de companido de control de companido de compani guido n'este canto da terra, a raça dos antigos exploradores que devassaram o mundo.

Como foi bom, salutar aquelle renascimento, iniciado nas primeiras viagens de exploração atravéz dos rios e dos sertões d'Africa, realisadas

de 1877 a 1880,

Como já vae longe essa data. Vinte annos decorridos! E que trabalho, que luctas, que heroismos se não tem desenvolvido, durante esse tem-

po, pelos nossos dominios africanos.

Como o somno secular que dormimos sobre as coisas d'Africa, despertou emfim, e as viagens de exploração se succederam: e vieram as guerras dos pretos; a cubiça dos brancos a disputar-nos a posse secular dos nossos descobrimentos; a di-visão territorial de novos governos e districtos; o estabelecimento da aucteridade militar e da judicial; as obras publicas, caminhos de ferro, portos de mar, seccamento de pantanos, hospitaes,

alfandegas, quarteis, um sem numero de coisas que ainda não bastam para garantir a posse de aquelle vastissimo paiz, porque ainda n'ol-o disputam e vão estrangeiros retalhando-o em seu proveito, sob a invocação do direito das gentes, sem termos forças para lhe oppor.

E comtudo estes ultimos vinte annos marcam paginas bem gloriosas para a historia patria, nas coisas d'Africa, a despeito de todos os amargores porque Portugal tem passado.

Se as ultimas guerras d'Africa tem reverdecido

os loiros das armas portuguezas, não deram me-nos gloria a Portugal as viagens dos seus explo-radores através d'aquelle paiz, nos ultimos vinte annos decorridos.

annos decorridos.

D'essas viagens, principalmente, nasceu o grande movimento operado nas nossas possessões ultramarinas. Foram ellas o toque de alarme que acordou a nação e lhe impremiu o movimento colonial que hoje se observa.

A Africa hoje jã não é a antiga terra de degradados. Vae se para lá expontaneamente, como d'antes se ia para o Brazil. A corrente está estabelecida; o tempo e o trabalho farão o resto.

Para este resultado quantos sacrificios feitos!

Para este resultado quantos sacrificios feitos! A historia das explorações portuguezas tem paginas gloriosas nos tempos antigos e nos nos-

sos dias.

E' de vêr, no seculo xv exvi como a Gil Eannessuccede uma pleide de navegadores, que todos á
profia se aventuraram aos mares e aos descobrimentos.

Pois a partir de 1876, repete-se o mesmo caso. Por esses annos iniciam as primeiras explorações tres portuguezes decedidos a vencer a re-pugnancia de devassar o solo africano, Serpa Pinto, official do exercito, Hermenegildo Capello e Roberto Ivens officiaes de marinha, realisam as primeiras viagens.

Ficaram memoraveis essas viagens, pelo assombro que causaram se pelos copiosos beneficios-que d'ellas, colheram para a sciencia e para o comque dellas, colheram para a sciencia e para o com-mercio, e logo seguem outros viajantes explorado-res, Augusto Cardoso, Antonio Cardoso, Aze-vedo Coutinho, Victor Cordon e mais que nos-não lembram n'este momento.

Em 1877 reuniam-se os tres officiaes em Loan-da, na casa de José Maria do Prádo, com Stan-ley que chegava do interior d'Africa onde reco-nhecera o rio Luababa-Zaire-Congo.

No tempo que se demograram em Loanda, esti-

No tempo que se demoraram em Loanda, esti-veram os exploradores portuguezes em grande convivencia com Stanley e este escrevia então para a imprensa ingleza, notando o bem organi-sado da expedição portugueza, quer na excellen-cia dos instrumentos que possuia, quer na com-patencia scientifica dos officias estados para excellenpetencia scientifica dos officiaes portuguezes que a compunham.

a compunham.

Como se sabe, n'essa primeira viagem de exploração, Serpa Pinto a breve trecho apartou-se de Capello e de Ivens, o que deu logar a duas travessias distinctas. O apartamento deu-se no Bihé e d'ahi derivou a viagem de Capello e de Ivens do Bihé á Contra Costa.

D'ali marcharam juntos os dois exploradores, que compara mais se apartaram. A primeira viagem

e nunca mais se apartaram. A primeira viagem terminou por 1880; tres annos depois partiam de Lisboa para a sua segunda viagem, de Angola ás Terras de lacca, d'onde regressaram em 1885. Então Capello e Ivens foram recebidos em Lis-

boa com tantos applausos e enthusíasmo como os militares que ha pouco voltaram da campanha de Gaza, e as manifestações que se lhes fizeram na capital, repetiram-se por todo o paiz, muito principalmente no Porto, onde os dois explora-dores foram victoriados com delirio.

Tudo passou e hoje de Roberto Ivens só resta a memoria saudosa.

namoria saudosa.

Não foram os annos que o mataram, mas os trabalhos d'Africa que lhe arruinaram a saude, pois não se passa impunemente por aquelles sertões, percorrendo 4:2co milhas de costa a costa, das quaes 1:500 de sertão nunca transitado por europeus, e em cuja travessia se perderam 62 homens entre mortos e extraviados!

Roberto Ivens estava então na força da vida, 34 annos apenas. Nascera na ilha de S. Miguel a 12 de junho de 1850 filho de pae inglez e de mãe portugueza, mas nem por isso se modificou n'elle o temperamento de meridional. Valente, arrebatado, enthusiasta e generoso, abrigava em seu coração todos estes sentimentes a par de um grande amor patrio, que foi o movel de toda a sua vida.

Aos 17 annos de idade sentou praça na marinha e aos vinte conclniu o curso e embarcou na corveta Estephania que partiu para a India, onde

corveta Estephania que partiu para a India, onde as tropas de Góa tentavam revoltar-se.

De volta d'esta viagem vinha feito guarda marinha e logo partiu para Angola, embarcado na Duque da Terceira.

Fez ali uma estação e andou no cruzeiro da costa de Mossamedes até S. Thomé, a bordo da Rio Minho e da escuna Napier. Regresou d'esta estação em 1874, na Martinho de Mello, embarcando pouco depois na Duque da Terceira, no posto de segundo tenente. e n'ella percorreu os portos de S. Thomé, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Montevideu.

Regressou a Lisboa, em 1876 e logo partiu, no India, para os Estados Unidos, onde foi levar a commissão portugueza e os productos de Portugal que concorreram á exposição de Philadelphia.

D'esta commissão regressou a Lisboa, em junho de 1876 e dois mezes depois, seguia a bordo do

de 1876 e dois mezes depois, seguia a bordo do India para a estação naval de Angola, onde passou a corveta Sa da Bandeira.

(Continua).

## -COSC+ O MOSTEIRO DOS JERONYMOS

(Continuado do numero antecedente)

Edgard Quinet consagrou ao portico e ao templo de Belem uma pagina eloquente, de generosa poesia, no seu livro: Mes vacances en Espagne. Quinet viajou em 1846 por Hespanha e Portugal; de Cadiz veio a Lisboa. A agitação política dominava os dois povos peninsulares; em tal meio mais saliente se fazia a magestosa serenidade dos grandes monumentos do passado. A vista da tores de la planta interespicações estato a vista da tores de la planta interespicações estato a vista da tores de la planta interespicações estatos que o legou a constante de la planta interespicações estatos que o legou a constante de la planta interespicações estatos que o legou a constante de la planta interespicações estatos que o legou a constante de la planta interespicações estatos que o legou a constante de la planta interespicações estatos que o legou a constante de la planta de la p re de Belem impressionou-o tanto que o levou ao devaneio, ao exaggero phantasista. Todavia a pa-gina relativa ao mosteiro é tão elevada que fica bem n'esta noticia; será bem vulgarisal-a para nacionaes e estrangeiros.

bem n'esta noticia; será bem vulgarisal-a para nacionaes e estrangeiros.

— Quand les anciens navigateurs, aprés avoir conquis des mondes, rentraient dans leur pays, ils debarquaient devant le seuil du monastére de Belem; c'était la porte par laquelle devaient entrer tous les triomphes du Portugal.

Je courus vers cet endroit unique sur la terre; je vis lá un monument d'une sublimité si vaire, si originale, que toute la pensée du peuple portugais m'y parut renfermée. Quand le tremblement de terre n'aurait laissé subsister aucun autre débris, et que tontes les chroniques seraient perdues, ce monument parlerait seul; l'ame marine du Portugal vivrait dans chaque pierre.

A l'entroit du Tage où Vasco da Gama s'est embarqué pour chercher le continent des Indes, sur cette plage des larmes, qui a vu tant d'émotions de crainte, d'espérance, de douleur, tant de départs, d'embrassements, d'adieux qu'on croyait éternels, de retours triomphants, le roi Emmanuel a fait élever une église. L'architecture en est gothique; mais le trait de génie est d'y avoir mêlé tous les caractéres de la vie de mer; des cables de pierre qui lient les piliers gothiques les uns aux autres, de hauts mâts de misaine qui soutiennent les ogives, les rosaces, les voûtes, pendant oue la voile de l'humanité s'enfle, au seizieme siénent les ogives, les rosaces, les voûtes, pendant que la voile de l'humanité s'enfle, au seizieme siécle, sous l'haleine du ciel.

cle, sous l'haleine du ciel.

C'est encore la maison du Dieu du moyenâge, mais appareillée comme un vaisseau en partance.

Si vous entrez dans l'intérieur du cloitre, dejá les fruits et les plantes des continents nouvellement révélés, les cocos, les ananas, les pamplemousses, sont cueillis et appendus dans les basre-liefs. L'esprit d'aventure, de danger, de science, de découverte, respire dans ces murailles plus que dans aucune chronique. C'est l'impression de ce moment indicible d'enthousiasme où Christophe Colomb. Vasco da Gama, Magellan, Jean de ce moment indicible d'enthousiasme où Christophe Colomb, Vasco da Gama, Magellan, Jean de Castro, entonnent, à genoux, le Gloria in excelsis, en serrant les voiles devant des terres inconnues. Ici, des sirénes gothiques nagent dans une mer d'albâtre; lá des singes grimpeurs du Gange se balancent au câble de la net de l'église de Saint-Pierre. Les perruches du Brésil battent de l'aile autour de la croix du Golgotha. Des larmes coulent sur des blasons. Ajoutez des mappemondes de marbre, des astrolabes, des équerres mariées aux crucifix, des haches d'abordage, des boucliers, des échelles, partout des agrés, des noeuds de cordes roulées, qui amarrent les colonnes, les piliers, vous sentirez, dans le moindre détail, une église marine, la barque pavoisée du Christ espagnol et portugais, qui, au milieu des angoisses de l'homme, cingle en paix, vent arriéangoisses de l'homme, cingle en paix, vent arrié-re, sur des océans non encore visités Des élephants de marbre portent en triomphe

l'urne funébre du roi Emmanuel, qui a presidé à la decouverte des Indes ; d'autres morts sont conchés prés de là. Vons diriez des pilotes endormis sons la voûte surbaissée de l'entre-pont.

Os elementos marinhos que tanto impressionaram Quinet na decoração manuelina dos Jero-

nymos, surgem com maior intensidade ainda na celebre janella e espelho do convento de Christo em Thomar, e na porta da casa de Sub-ripas, em Coimbra.

No espelho que está sobre a janella de Tho-mar, o artista ousou formar a moldura com a vella cheia, contida pelos cabos, de modo muito original.

Entre os elementos que nos Jeronymos melhor demonstram a influencia dos descobrimentos ul-tramarinos, impressiona-me superiormente a sin-gular ornamentação de uma das portas dos conhssionarios, toda em rostos de gentios, inespera-da collecção anthropologica. O sr. Ramalho Ortigão escrevendo o parecer

da commissão dos monumentos nacionaes, no ca-so tão longo e complicado da conclusão do edi-ficio dos Jeronymos, tem alguns periodos bem cheios de amor, de poesia, de bom senso, mol-dados no seu dominador estylo.

 Não podem criticos portuguezes... eximir-se a consignar a sua admiração enternecida por tão perfeito conjuncto de arte e de poesia, assigna-lando aquelle ponto da praia do Rastello, de onde levantou ferro e se fez ao mar, fremente de mysterio, empavesado pela marinhagem em festa su-

terio, empavesado pela marinhagem em lesta subida ás vergas, benzido pela igreja, sagrado pelas lagrimas de um povo, que lhe confiava o seu destino, o primeiro galeão das Indias.

A' beira do mar, quasi beijada pela maré cheia, uma das mais bellas igrejas de todo o mundo, com uma crasta sem rival, na sua alta expressão de fé, de aventura e de gloria, verdadeira flór esculptural da alma enthusiastica de uma crande. culptural da alma enthusiastica de uma grande

raça,
... A architectura manuelina é uma architectura de transição, e em toda a transição se sub-entende uma decadencia. As epochas de decadencia teem esta vantagem; que, suprimindo a tyrania das escólas, conferem uma tregua da mais salutar independencia aos artistas.

Toda a transição tem necessariamente por causa um enfraquecimento de auctoridade, e, por effeito, um proporcional desenvolvimento de forelleito, um proporcional desenvolvimento de for-ca livre. Em um d'esses rapidos periodos de anarchia, tão propicios ao individualismo do ge-nio, nasceram em Portugal algumas obras de ra-ra, profunda e incomparavel expressão, como a janella da sala do capitulo em Thomar e o claus-tro dos Jeronymos em Belem. Estas obras po-rém, assim como as de todo o cyclo manuelino, pão suportam imitação, pão prestam elementos rém, assim como as de todo o cyclo manuelino, não suportam imitação, não prestam elementos de ensino, nem pódem constituir escóla, porque ellas são, em si mesmas, a violação de todo o preceito, a negação premeditada e acintosa de todas as regras. Toda a escóla tem de ser fundamentalmente dogmatica, ao passo que toda a architectura manuelina é em arte essencialmente heretica. -

Algumas linhas mais adiante o sr. Ramalho Ortigão affirma ainda. — Ora o estylo manuelino não é um mero desenvolvimento do gothico, mais ou menos florido, mais ou menos flamante. Ain-da que composta de muitos elementos gothicos, porque em toda a evolução da arte coexistem os phenomenos precursores com os vestigios ances-traes, a architectura manuelina é umas das formas peninsulares da renascença em seu primeiro período, assumindo em Portugal uma expressão parallela á do plateresco em Hespanha. Não se comprehende bem o manuelino sem ter visto o plateresco, nem se conhece inteiramente o plateresco, sem o comparar, ao manuelino. São phoresco sem o comparar ao manuelino. São phe-nomenos analogos, concomitantes, peculiares da Peninsula, desconhecidos do resto da Europa, tendo causas communs na historia, no espirito, no temperamento da raça, e tomando uma espe-cial accentuação regional em cada um dos loga-

res em que se manifestam. —

Temos portanto que ha um estylo manuelino, que não é o plateresco hespanhol; e que esse estylo soffreu variantes locaes, regionaes.

Já o Vasari, o illustre Vasari, notou o caracter

especial da architectura portugueza d'esse bri-lhante periodo, e de modo tal que dá a entender que ao estylo não era indifferente o gosto pes-soal do rei Manuel.

Ao dar noticia da vida do celebre Andrea Con-tucci dal Monte Sansovino, que trabalhou em Portugal dez annos (1490-1500), Vasari mencio-na algumas obras de Sansovino, feitas aqui, á sua maneira, e outras... alcune cose stravaganti, e difficili d'architettura, secondo l'uso di quel paese, per compiacere al re... (pag. 168, do 2.º vol. ed.

de Roma, 1759).

Compare-se este trecho com o de Siguenza que já transcrevi; completam-se perfeitamente. O artista italiano e o escriptor hespanhol acharam estranho, especial, extravagante o estylo manue-

Valente arranco d'arte correspondendo ao enthusiasmo d'esse periodo de febre, de tão des-vairadas novidades.

G. Pereira.

## -000 OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

V

(Continuado do numero anterior)

O engenheiro compreendeu logo que la principiar o interrogatorio, e apressou-se em respon-

— Tenho trinta e cinco annos.

— Não é muito. Oh! decerto que não é muito

- repetiu o ancião mirando o Frederico, este porém contentou-se com aprovar mediante ligeira

inclinação de cabeca.

Estava desnorteado; pensava: «porque se reti-raria a pequena?» Não era bonita; ao contrario; antes pouco sympathica, mas não era isso razão para elle a ter offendido com os seus olhares inpara elle a ter offendido com os seus olhares inconvenientes e seu desdenhoso sorriso. Fora injusto... isto é, injusto, não, porque oportunamente compreendêra que ella tão pouco o achava
bem parecido ou sympatico. Assim, pois, vingára-se—nem mais nem menos; sim senhor, e
muito á sua vontade.—Isto é, á sua vontade não,
porque, a coberto da sua ironia zombeteira, possuia Frederico qualquer sentimento delicado que
se revoltava, talvez, contra o socego uniforme de revoltava, talvez, contra o socêgo uniforme de todos os dias.

«Coisas de Hespanha» leu Joaquim com esse metal de vóz, mais alto do que é mister, median-te o qual se annunciam os sitios importantes atravez dos quaes se vae passando, ao lêr um perio-dico, e ergueu a cabeça para observar o effeito que producira.

Estes senhores são de Milão? - perguntou o

dr. Roque.

— De Milão — respondeu Frederico, bocejando livremente, para se dar um certo tom.

— De Milão — respondeu Eneas com modo grave; — meu pae era tambem de Milão, mas não mi-

nha mãe. E pronunciou estas palavras com accento tão singular, que o dr. Roque imaginou que não pas-saria em páz o resto de seus dias, emquanto não soubesse de que paiz éra a mãe do engenheiro

Enéas.

— Minha mãe era russa, com grande mistura de sangue hespanhol — proseguiu Enéas saboreando modestamente o seu triumpho — porque meu avô éra russo e minha avo catalã. Ha momentos, acrescentou sorrindo por comprazer com a supposta incredulidade dos seus ouvintes, — ha momentos em que chego a crêr que me circula qualquer coisa ardente pelo corpo; é o sangue catalão.

E a tua avo — observo Era la forma de supporte de seus conservos estados de seus ouvintes.

E a tua avo — observo Era la forma de supporte de seus catallas.

E a tua avó - observou Frederico com zombe-

taria seriedade.

Riu-se Enéas, riu o dr. Roque e riu tambem a Tranquilina, a quem Romulo, com habil estratégia, fizera sentar-se a um canto, afim de lhe perguntar se havia sempre sido ditosa. — Desde o proprio centro de Hespanha, Joaquim ouvira tudo isto e riu tambem estrepitosamente.

Tornou a apparecer a Amalia; a joven sentira aind'agora necessidade extranha de ausentar-se, de refugiar-se em um lindo quartosinho que conhecia os seus mais intimos pensamentos; assim que ali chegou puzera a luz sobre a commoda e a si propria perguntara o que viera alli fazer; olhou em redor de si a ver se nos objectos circumjacentes encontrava a resposta, mas não a

cumjacentes encontrava a resposta, mas não a encontrou; permaneceu immovel, um instante, e depois, sahiu lentamente.

E respparecia agora, pensativa e como que inquieta por preoccupação desconhecida.

— Amalia— lhe disse o dr. Roque— senta-te aqui, ao pé de mim.

Frederico e Enéas arredaram as cadeiras para lhe darem lugar; e a donzella collocou-se tranquilamente entre seu pae e o engenheiro.

Joaquim, que abaixara um tanto o periodico afim de, com os olhinhos, ir tomando nota das particularidades todas d'aquella scena, tornou a repetir: «Coisas de Hespanha», mas ninguem fez caso, e elle, com delicia, esfregou as mãos.

caso, e elle, com delicia, esfregou as mãos.

O dr. Roque era quem tinha nas suas o fio da conversação: comprehendendo, pois, a immensa responsabilidade que, por isso mesmo, pesava sobre elle, apressou-se a observar pela terceira vez que fazia um frio endemoninhado.

É verdade: - um frio endemoninhado, disse Enéas.

disse Enéas.

—Endemoninhado, — repetiu o Joaquim.

—O unico que o não sente é o sr. Romulo, proseguiu o doutor — o meu amigo e sr. Romulo.

Ali onde o vêem dispõe de um calôr invejavel — não é assim, Tranquilina?

—O que é? — perguntou Romulo.

—Estavamos dizendo que o senhor é um vul-

a sua escolha, que procurava expressões para de-

a sua escolna, que procurata en clarar-se.

— Meu presado sr. Frederico — disse, quando Enéas se callou — não terá, acaso, algum antepassado especial, do qual lhe reste no sangue alguma coisa? Porventura não sente uma vez por outra correr pelas veias um avô de neve ou uma avó de lava?

— Não — retorquiu com sorriso assaz contra-

Com que então, tenho defeitos? perguntou Frederico.

O engenheiro, porém, sem cortar o fio ao dis-

curso, replicou:

— Tens as qualidades e defeitos de um avoengo qualquer que viveu, provavelmente, no seculo passado. Entre os meus, por exemplo, existiu um, que era um genio, um portento de sabedoria... o que muito me alegra, porque, quem sabe! um



CAPELLO E IVENS, NA SUA PRIMEIRA VIAGEM DE EXPLORAÇÃO EM AFRICA, EM 1877

cão em ponto pequeno, o que em nadá o preju-dica, porque pode ser se um cavalheiro amavel e muito grande e ao mesmo tempo um vulcão mui-

to pequeno.

Succedeu que entre seus antepassados, por fortuna, houvera um que fora ambas as coisas, o que serviu de pretexto a Romulo para nem se

Mexer.

O dr. Trombeta escutava, resignado, as diva-gações do engenheiro, de vez em quando, porém, dirigia ao taciturno Frederico olhar inquieto: pa-ra este, sorria, para este, sacava do guarda roupa uma alfaia fóra de uso havia meio seculo, a saber: uma bondosa vivacidade. Claro estava que fizera

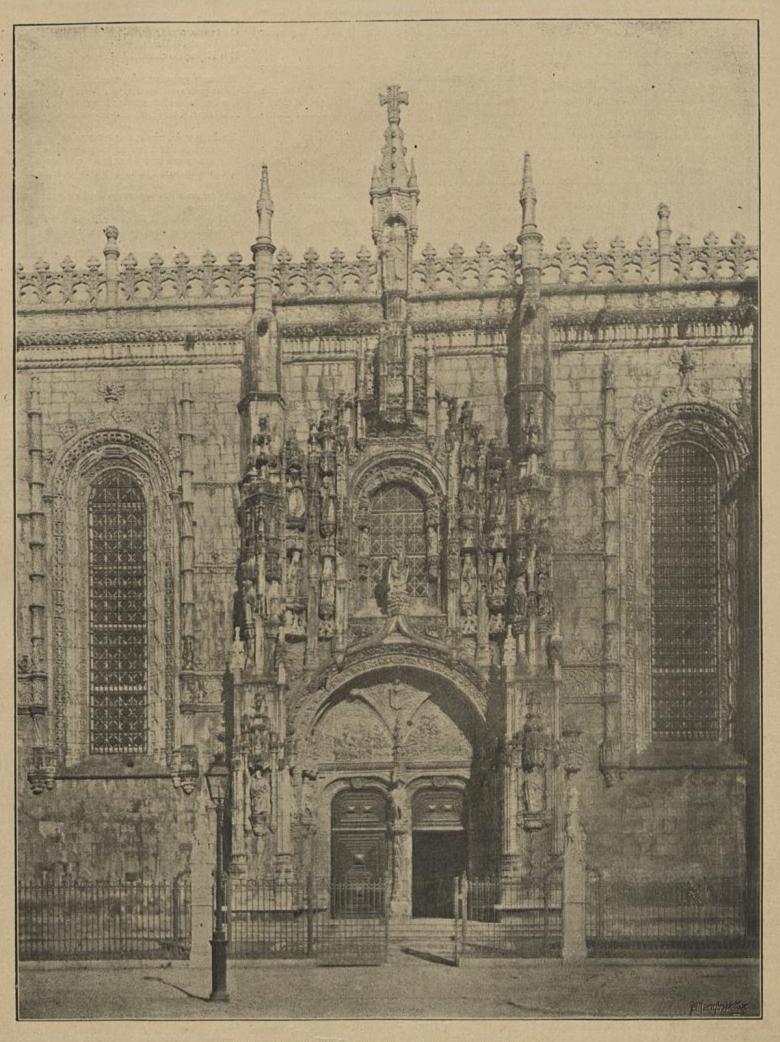
feito o mancebo—quero dizer, não sei; nunca me lembrou indagar... mas hei de informar-

me...
— Nunca te lembraste de tal — atalhou Enéas, sem desviar a vista de sobre a Amalia — porque acreditaste sempre que eras o principio e o fim de ti proprio Emquanto que nós outros começámos nos seculos passados e, na maxima parte, viremos a acabar nos seculos futuros, podes tu estar seguro de que te verás reproduzido, primeiramente, em migalhas e fragmentos, depois, inteiro e d'uma só peça, em um descendente que virá a ter o teu proprio temperamento e com as qualidades e defeitos que te distinguem.

filho meu poderá egualmente vir a ser um genio...
Por outro lado, a estatistica demonstrou que os
filhos varões herdam o sangue da mãe e reproduzem no todo, ou em parte, o da avó materna.
Quem primeiro riu foi o Frederico: ou outros
dois imitaram-o; a Amalia, não: pelo contrario,
estava mais circumspecta do que em rigor pedia

Pelo que diz respeito a antepassados, prote-riu o Frederico, apenas me recordo de dois, e as-saz melancolicos. É possível que os tenha tido alegres, como o meu amigo Enéas; aquelles, po-rém, deram mais que fallar que os outros todos, e por isso os conservo na memoria; um d'elles

# CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



MOSTEIRO DOS JERONYMOS — PORTA LATERAL DA EGREJA (Copia de uma photographia de Rocchini)

desappareceu um bello dia, desamparando a mudesappareceu um bello dia, desamparando a mulher e filhos, e nunca mais se soube d'elle. O outro, aos quarenta annos, era solteiro e capitão de cavallaria; desejava morrer; tinha á sua disposição a guerra, o desafio á pistola e ao sabre, para satisfazer o seu gosto. Pois sabem o que elle fez? Foi comprar uma navalha e cortou as goelas.

— Mas, porquê? perguntou o Enéas.

— Bravo! Porquê?! Eu lh'o perguntarei lá no outro mundo. Quero suppôr que não tem segredos para um parente.

dos para um parente.

Era tétrica a idéa; as palavras, porém, vivazes e o accento jocoso; todos, pois, se riram mais

uma vez.

— »Coisas de Hespanha», repetiu pela terceira vez o Joaquim, tentando fechar definitivamente a

vez o Joaquim, tentando techar definitivamente a porta a tão antipathico assumpto.

— Veja se nos deixa em paz com as taes «coisas de Hespanha», aconselhou o dr. Roque, com insolita doçura Leia o meu amigo, em vez d'isso, a Chronica local; deve trazer pormenores ácerca d'aquelle suicidio que hontem houve.

— Ah! Sim! O do tal que atirou comsigo ao canal del Naviglio.

— Sim sim esse vire a folha: muito hem veia.

- Sim, sim, esse; vire a folha; muito bem; veja ahi na terceira pagina; assim, perfeitamente; agora vá procurando que ha de encontrar O suicidio de hontem ou O homem do canal, ou coisa seme-

Em seguida a tantos conselhos e alvitres ministrados com accento mais dôce que o proprio mel, não havia de ser difficil ao Joaquim achar 

lifluo do orbe civilisado.

lifluo do orbe civilisado.

Encontrou effectivamente o Joaquim aquillo que procurava; leu-o, e ficaram todos sabendo que permaneciam envoltas em mysterio as causas que haviam impellido o sr. C. G., mathematico de profissão, a privar-se da propria vida. Tinha 40 annos, era solteiro, robusto e sádio; trazia mil francos na carteira e uma carta sem assignatura, a elle proprio dirigida e que continha tão sómente estas palavras: «amo-te; valôr l»

Ninguem entendia aquillo.

Adduziu o Joaquim que, para elle, o mais es-

Adduziu o Joaquim que, para elle, o mais estranho do caso era ter um homem na flor da vida, um rapazelho, (um franganote, insinuou o dou-tor Roque), um garoto, que assim se lhe podia chamar, podido pensar em matar-se, sem ter vi-vido ainda.

vido aínda.

Romulo, sem se mover, declarou que, quando um homem traz na carteira um bilhete que diz: amo-te, valor! (E uma nota de mil francos, insinuou o doutor Roque), e uma nota de mil francos, não deveria nunca pensar no Canal.

E em conclusão o dr. Trombeta disse que estando o sr. C. G. de perfeita saude, isto é, livre de rheumatico, de gota, inchação do baço, ou paralysia do braço, carecia de toda e qualquer causa legitima para se suicidar.

— Tinha uma! — exclamou com um poucochinho de emphase o engenheiro Enéas.

— Qual?

-Qual

— Qual?
— Ser solteiro.

O dr. Roque, Joaquim e Romulo ficaram tão surpreendidos com a profundeza de semelhante observação, que concordaram todos tres que ser solteiro era realmente quasi,... devia ser quasi...

ou pelo menos podia ser...

Frederico deixou escapar de novo o tal seu sorrisinho zombeteiro e olhou para a Amalia, que se poz muito córada.

poz muito córada.

Prevaleceu n'elle então a boa indole, e receiando ter offendido a donzélla—que estava, na realidade, innocente de tudo aquillo e representava, sem o saber, n'aquella comedia, o papel de protagonista,—quiz emendar o melhor possivel o seu impertinente sorrizo, e fallou d'este modo:

—Ca por mim acho natural que o sr. C. G., se fosse atirar ao Canal. Visto que era rico e não tinha dores physicas nem moraes, que andava a fazer cá por este mundo? Aborrecia-se, provavelmente; não tendo desgostos, não sabia talvez procurar coisa que gosto lhe desse. Deve ter sido um d'esses seres extraviados que caminham ás procurar coisa que gosto lhe desse. Deve ter sido um d'esses seres extraviados que caminham ás a palpadéllas, toda avida, por entre uma nuvem de fumo de charuto, e é possivel que o dinheiro todo de que dispunha lhe não podesse dar o que elle, sem o saber, procurava; a sua propria pessoa. Conheço um rapaz, um homem; ou antes, um velho—rapaz, que tem vivido muito sem ter vivido nada. Tambem é rico, sadio, está na flór da edade, e traz quasi sempre mil francos na carteira; pois bem, se este sugeito não se atirou até hoje ao Canal, é porque se atirará talvez qualquer dia cêdo. A cada um dos que se mata perguntam os senhores «porque é que se matou?» Melhor seria perguntar-lhe, aos senhores, que estão vi-vos, porque é que se não matam... —Vamos lá a ver, tu, Joaquim, tu Romulo, tu, amigo Enéas, porque é que vos não atiraes ao Canal?

Os tres interpelados puzeram se a olhar uns para os outros e o Enéas protestou, em seu no-me e no dos mais, declarando que antes de responder a semelhante pergunta, havia de o pensar toda a vida...

Voltaram-se todos para a Amalia à qual estas palavras tinham escapado sem querer...

Estavam estampados no semblante de todos a

affectuosa curiosidade e prenuncios de benevolen-cia; sem embargo, a rapariga, não soube conti-

—Diga! diga! — repetiu Frederico.

Amalia então fez-se corada, muito corada, e com leve tremor de enfado na voz, prorompeu:

 Digo que esses seres, que vivem pela força da inercia, jámais seencontram a si proprios, porda inercia, jamais seencontrama si proprios, porque andam como carneiros, um atraz, outro adiante, e não se procuram com o pensamento: digo que a vida é lucta, que os inertes são aquelles que caem ao primeiro golpe e que este golpe é visivel na maxima parte dos suicidios.

— Esse golpe — emendou docemente o Frederico — é o ensejo: a causa do suicidio já existia de antemão: o tedio, o tremendo tédio, o deus fatal que...

fatal que...

— Phrases — interrompeu a Amalia; — repare
bem no tédio; que é, senão a inercia? — : repare

bem no tédio; que é, senão a inercia? — : repare n'esses grandes aborrecidos, e verá que, em geral, são apenas pequenos preguiçosos.

O engenheiro Enéas Ferri poz-se em pé e bradou: «Bravo! bravo! Amalia repetiu com mais força: preguiçosos e Enêas tornou a exclamar «Bravo!» — e depois, tornou a sentar-se, esfregando vagarosamente as mãos.

— Bravo! — repetiu o doutor Roque, e voltando-se para o engenheiro, acrescentou: — A sua avô, que Deus tenha em gloria, está fallando pela sua bocca...

sua bocca...

O teu rapaz-velho — observou Enĉas, com

O teu rapaz-velho — observou Enĉas, com a misericordia do vencedor, dirigindo-se a Frederico, que engatilhára outra vez nos labios o tal sorrisinho amargo — o teu rapaz-velho que não se atirou ainda ao Canal, não é talvez amado; amar é viver, e ser amado a força da vida!

 O meu rapaz-velho, — retorquiu o Frederico — amou e foi amado; agora já não ama e é talvez amado ainda; quem sabe se ser amado quando já se não ama, é o desespero da vida? Eu por mim não o sei; o meu rapaz-velho recebe tambem cartas de amôr sem assignatura, e tem amigos que se occupam das suas acções e o divertem dando ares de mysterio á sua existencia clara e

dando ares de mysterio á sua existencia clara e limpida e zombando á custa da sua preguiça. E como ninguem respondesse, o Frederico viu que horas eram e poz-se a pé; comprimentou com muito boa sombra os conjuges Trombeta, pediu-lhes licença para voltar a vêl-os de vez em quando e estendeu a mão para apertar a da don-zella: Amalia, porém, parece que não deu por semelhante coisa, e saudou-o com a cabeça, fria-

Quando sahiu o candidato n.º, i Enéas escre-veu-lhe misericordiosamente o epitaphio, dizen-do que, no fundo, era um bom rapaz.

Mas já não houve meio de atar o fio á conversação; e um quarto de hora mais tarde, o Joaquim e o Romulo atravessavam a rua da Côrça, levando no meio o amigo Enéas, com as honras todas devidas áquelle modestissimo triumphador.

(Continua)

Pin-Sel.

### -000-VASCO DA GAMA 1

NO CABO

(Ao conselheiro Luciano Cordeiro)

Agora vêdes bem que, commettendo O duvidoso mar num lenho leve, Por vias nunca usadas, não temendo De Africo Noto a força, a mais se atreve: Que, havendo tanto já que as partes vendo, Unde o dia é comprido, e onde breve, luclinam seu preposito, e porfia, A ver os berços, onde nasce o dia.

CAMÕES - Os Lustadas, Cant. 1, Est. 27.

Já longe era do Cabo a derradeira véla, Quando, elevando a voz, o grande Adamastor,

No meio dos febris arrancos da procella, Falava aos seus irmãos, sentados em redor:

«Passou!... lá vai, lá vai aquelle humano ousado, Que o victorioso Norte envia ás nossas aguas, Para do Sul romper o encante dilatado, E, não obstante Zeus, dar fim ás nossas maguas!

Passou!... lá vai, sereno, altivo e sem receio, Cortando o mar furioso e nunca d'antes visto, Qual corta o lavrador da terra o duro seio, È o Espaço o cavalleiro impavido e previsto!

Passou por entre nos, a coma ao ar dispersa, Co'os pretos olhos d'aguia o mar e os céos sondando, Em fundo meditar a funda mente immersa, E ao mar, á terra, ao céo, impondo o seu commando!

Ainda o vejo, ainda aos ares solta, ondeia, Sua inclita bandeira ao longe quasi extincta, Emquanto em seus anneis de cobra o mar o enleia, E lhe abre o abysmo a guela horrifica e faminta.

Que provas lhe reserva o Fado e quantas lides, Por ver se engeita assim aquelle empenho seu! Ah! seja o alto Céo propicio ao novo Alcides. Que os ferros vem quebrar a um outro Prometheu!

Sumiu-se, — e, apezar da minha grande altura, Não posso já seguil-o ao fundo do horizonte; Juntae, juntae á minha, Irmãos, vossa estatura, Por vêl-o ainda um monte erguei sobre outro monte!»

Assim disse o Gigante. E todos num momento. Qual agil ave sobe ao ar de rama em rama, Trepavam um sobre outro até ao firmamento; Mas sempre mais acima estava o illustre Gama!

#### NO OCEANO INDICO

D'aqui fomos cortando muitos dias, Entre tormentas tristes e bonanças, No largo mar faxendo novas vias, Só conduxidos de arduna esperanças: Co'o mar um tempo andámos em porfias; Que, como tudo nelle são mudanças, Corrente nelle achámos tão possante, Que passar não deixava por deante.

CAMOES - Os Lusiadas. Cant. v Est. 66s

Que vês, Irmão, que vês ao longe, no alto mar?

— Em tenue véo azul, poisadas ao de leve,
Distinctas, vejo, alêm, co'as ondas a folgar,

Tres azas côr-de-neve.

— Tres vélas são, Irmão, tres vélas portuguezas, Que vão pedindo ao Sol seu reino oriental, Aljofares ao Mar, ás Indias mil riquezas, P'ra El-Rei de Portugal!

— Tres vélas vejo em p'rigo ao longe no alto mar: Da fertil India o Fado asperrimo as desvia, E, não obstante o leme e não obstante o ar, Derivam noite e dia

Em debandada as leva o perfido Oceano, E, como cede inerme o incauto peixe à rede, Sob um adverso influxo e pernicioso engano, A lusa Armada cede.

— Correntes são, Irmão, correntes poderosas, Que vedam d'este mar á humana gente a entrada; Mas, lá vem Noto dar auxilio ás naus famosas Da mais que humana Armada.

— Tres vélas vejo além, travadas, á porfia, Co'as ondas, corpo a corpo, em lucta desegual : As Quinas mostram bem que são as naus que envia El-Rei de Portugal.

Vencido está, porfim, o impulso da corrente; A brisa amiga enfuna o panno gemebundo; De pedras finas mil scintilla alegramente O salso mar profundo.

Mas, eis o vento cai; as ondas adormecem; A longa agitação succede horrenda calma; Co'o flaccido velame agora as naus parecem Tres corpos já sem alma.

Suspira a Frota em vão pelo mais tenue afago De Zephyro amoroso ou brusco Vendaval; De fogo o céo parece, e o mar parece um lago, Um lago de crystal.

Vê bem, Îrmão, vê bem ao longe, no horizonte!
 Ao longe, no horizonte, espessa nuvem tetrica,
 Prenhe de raios mil, de mil tormentas fonte,
 Do pégo surge eletrica.

<sup>1</sup> Do livro Echos da Solidão.

Sem vento, cresce, vôa, invade e tolda os ares; Qual fragil flor, o sol murchou-se num minuto; Mudou-se em negro limo a verde côr dos mares, E os céos estão de lucto.

Parece tudo absorto em muda expectativa ; E, neste assustador silencio universal, Da morte á beira, a Armada grita : — Viva ! E viva Portugal!

De espanto e de terror meus membros estremecem. . Lá vejo ainda as naus sem mastros e sem vélas, E um homem prodigioso, ao qual mil obedecem, Erguido numa d'ellas...

Com voz potente e gesto augusto e soberano, Ordenz, exhorta, instrui, anima, incita, inflamma... Parece um deus que vem medir-se co'o Oceano, E em desafio o chama.

De prompto a nuve' estala : um rio em fogo os ares Rasgou de norte a sul ; um surdo e ribombante Estrepito rebenta e róla sobre os mares Num rir extravagante...

Qual ebrio, o vento acorda, estolido, feroz, Vibrando golpes mil, sem rumo ou direcção, Com uivos de demente, unindo a sua voz Aos roncos do trovão.

Em formidando amplexo e informe remoinho, Estreitamente o mar aos altos céos se abraça, E, sobre montes de agua, hedionda, em desalinho, Rugindo, a Morte passa.

Sumiu-se tudo... Agora um véo de trevas cobre Por toda a parte o seio immenso do Infinito; Silencio sepulcral extende as azas sobre O lugubre conflicto..

— Irmão, Irmão! vê bem ao longe, no alto mar!
— Ao longe, no alto mar, ha sempre as mesmas vélas,
E um homem prodigioso, ainda a commandar,
Erguido numa d'ellas!

#### Ш

#### NA INDIA

Sabel que estais na India, onde se extende, Diverso povo, rico, e prosperado De oiro luzente e fina pedraria, Cheiro suave, ardente especiaria

CAMÕES - Os Lusiadas, Cant. VII, Est. 31.

Por estas naus os Mouros esperavam Que, como fossem graudes, « possantes, Aquellas que o commercio ihe tomavam Com fiammas abrazasem creptiantes: Neste socorro tanto confiavam, Que já não querem mais dos navegantes, Senão que tacto tempo alli tardassem, Que da famosa Meca as naus chegassem

CAMÕES - Os Lusiadas, Cant. IX, Est. 4.

Cadente e placida ao sabor da brisa, Desfralda a ondo o seu cairel de azul; E lá, na abobada dos céos desliza, Suave, a noite das regiões do Sul.

Ao longe vê-se uma cidade immensa, Em sombra espessa, a repousar no vall'; Fragrante balsamo o ambiente incensa, Nas trevas ruge o tigre do juncal.

De prompto, em flocos de espumante prata, A lua aos ares devagar subiu; E sobre o mar, onde ella se retrata, A lusa Armada, em plena luz, surgiu.

Tres naus ondeiam ao vaivem das vagas, Soltas as flammulas, suberbo o ar; Defronte a India desenrola as plagas, As plagas do opulento Malsbar.

Aqui é Calecut, - emporio e côrte Do Samorim, potente Împerador; Alêm, Coulão, Chalé Cochim; e, ao norte, O esplendido paiz de Cananor.

Aqui tudo é prodigio, assombre, encanto: Montanhas que se vão perder nos céos; Campos que adorna eterno, verde manto; Rios grossos de auriferos trophéos;

Mares de aljofar e coral calçados; Ricos bosques de balsamos subtis; Da terra os seios turgidos, minados De diamantes, saphiras e rubis;

Na brenha feracissima e na selva O tremebundo tigre sem rival; O naja horrendo e o pythão na relva; Na planura o elephante colossal;

Cidades que, co'a propria Natureza, Na pompa competindo e no esplendor, Ostentam fausto tal e tal riqueza, Que espanta e mal se crê tanto primor;

Torres enormes, templos sumptuosos, Nobres palacios, porticos sem fim. Frescos jardins, castellos poderosos, Estatuas d'oiro, porphyro e marfim;

Ruas innumeras, extensas praças, Onde co'o dia afflui a multidão, De origens varias e diversas raças: Do Egypto e da Abyssinia, até ao Japão;

Tudo, emfim, quanto a mente mais fecunda Em sonho iriado ousasse imaginar, Alli brilhava á luz meditabunda D'um refulgente e limpido luar.

Tudo isto, absorto, um homem contemplava D'uma das naus sentado no convez, Emquanto d'outro as falas escutava, Vertidas por um lingua em portuguez.

Era o primeiro o grande e forte Gama, Principe era o segundo de Cochim, Monçaide, o mouro, o interprete se chama, Que do Principe a fala explica assim:

«Escolho perfido amotina as vagas, «As quilhas rasga e despedaça as naus: «Ai! de quem fia em nunca vistas plagas, «Em reis sem fé e em conselheiros maus!

"A tempo fixo emigra ou volta a ave, « Um vento a leva, um vento logo a traz; « Mal do que só então semeie e cave « Quando já volte o exercito voraz.

« Qual é o escolho? o laço traiçoeiro, « Que o Rei e os Naires armam contra ti; « E as aves são da Arabia o povo inteiro « Que em breve co'a monção afflui aqui.

« Só tens tres naus, as d'elles são aos centos ; « Tens pouca gente, a d'elles não tem fim ; « E, emquanto elles propicios teem os ventos, « Adversos os verás e o mar ruim.

« Fazer-te á véla é, pois, preciso agora: « Que, se em apreço a vida tens dos teus, « Fugir deves d'aqui sem mais demora. « Eis meu conselho. Sê feliz. Adeus!»

« Detem-te, Principe, o Heroe responde; « Não julgues só pelo que viste e vês; « O Medo nunca ousára entrar adonde «Ouvir pudesse o nome portuguez

«Ha quasi um anno que da patria minha, «À voz da honra, ás ordens do meu Rei, «Por mares que ninguem sulcado tinha, «Em busca d'estas plagas me embarquei.

Tormentas vi medonhas, indiziveis « Bancos de areia, escolhos, turbilhões, « Calmarias, correntes invenciveis,

« Doenças, mortes, fomes e traições.

« O mar e a terra, o céo e os elementos, « Vi contra mim juntarem seu furor ; « Mas que podem seus golpes mais cruentos

« Contra o dever, a honra e o valor?

«E, tendo assim luctado, assim soffrido, «E após tanta famosa e grande acção, « Por tão pouco inda crês que me intimido? « Que gente julgas tu que os Lusos são?

« No entanto acceito aquelle amor sincero « Que tanto aventurar te faz por mim ; « E, Deus querendo, devolver-te espero, « Por esse amor, o throno de Cochim.

« Já prompto hei de deixar estas paragens, « Que é tempo de informar o Grande Rei ; « Levar-lhe-hei as tuas homenagens, « E o amor que tens por elle lhe direi.

« Conserva sempre firme a lealdade « Que d'ella o fructo em breve has de colher, « Qual se ha da sua indigna falcidade, « O rei de Calecut arrepender.

« Vês essa estrella que, do céo escuro, « No mar caíndo, se desprende alêm?... « Bem cedo volta co' esplendor mais puro, « E assim a Armada voltará tambem.

« Então verás o immenso poderio « Da patria minha, o invicto Portugal ; « Verás se ha povo que, em valor e em brio,

« A lusa gente se compare ou egual'.

« Então o injusto e desleal tyrauno, « Que a nossa perda consumar jurou, « Verá quão peza o braço lusitano.» « Que aleivosias nunca perdoou.»

Assim, com voz solemne e majestosa, Falava o grande Vasco ao Malabar... E a noite proseguia silenciosa, Cadente a onda e placido o luar!

José Bénoliel.

### -OSC+ CHRONICA DE PARIS

Falci-lhes na minha ultima chronica das peças de theatro que mais festejadas teem sido, hoje vou dizer-lhes o que penso da melhor d'entre ellas, áquella cuja glorificação tem sido unanime, sem discrepancias nem duvidas.

E ella o Cyrano de Bergerac. O seu auctor, M. Edmond Rostand, é um magnifico poeta que não tendo ainda trinta annos é já a um tempo, poeta lyrico, tragico, comico, e mesmo tragicomico, e tem como nenhum a arte de juntar palavras, frases coloridas e sonoras, rimas surprehendentes, em que o metrificador e o musico se disputam primasias. Dir-se-hia um feiticeiro enviado pela rainha Mab do reino da phantasia.

Poetas como Rostand não nascem d'um dia para o outro, nem caem da lua, comquanto, as vezes pareça terem habitado e contarem recordações d'um outro planeta, bem melhor e menos prosaico e triste do que este em que nascemos. M. Rostand já mostrára o muito que vale n'um volume de versos intitulado Musardises e em tres peças de theatro: uma comedia em trez actos em verso, Les Romanesques que foi representada na Comédie Française, a Princesse-Lomtaine, quatro actos tambem em verso, e finalmente a Samaritaine, evangelho em tres quadros, em versos inimitaveis, que pela primeira vez subiu á scena na Renaissance, em abril do anno passado e que tão superiormente foi interpretado por Sarah Bernard.

Quem lêr as Musardises com attenção, verá d'umas poesias para as outras a evolução do espirito do auctor e sobretudo constatará que Rostand não se fez poeta. Tem a poesia ingenita, ao nascer envolveu-o um raio de sol, d'esse bom sol claro e alegre que faz cantar as cigarras e tinge de vermelho as rosas.

Nacer poeta como autros assem gumastas

pirito do auctor e sobretudo constatará que Rostand não se fez poeta. Tem a poesia ingenita, ao nascer envolveu-o um raio de sol, d'esse bom sol claro e alegre que faz cantar as cigarras e tinge de vermelho as rosas.

Nasceu poeta, como outros nascem gymnastas ou saltimbancos. Admira o sol, a lua, as estrellas, o que não é banal, quando ha tanta gente que as olha com indifferença ou talvez nunca perdesse tempo a contemplal-as, sem por isso deixar de sêr pessoa de bem, e até eleitor e elegivel. Rostand cêdo começou a olhal-as com amor e a extasiar-se ante essa sublime mise-en-scène do universo, ante as maravilhosas illuminuras d'esse bello livro de imagens que se chama; a natureza. O rosado da madrugada, o azul brilhante do meio dia, o lilaz e o azul-roxo do crepusculo, enthusiasmão-no e dão á sua poesia o colorido de quem vê, sente e comprehende o que vê.

Logo nos seus primeiros versos, escriptos quasi ainda na adolescencia, se revela que ha n'elle o instincto, o sentimento, a idéa dos rythmos e melodia e que a tudo isto se junta a visão intima da natureza que faz de Rostand um poeta de raça.

Não creio, e toda a gente o diz, que depois de Ruy-Blas e Marion de Lorme, depois do Capitaine Fracasse de Gauthier, depois d'algumas das melhores peças, caprichosas e funambulescas de Banville, não creio, digo, que se tenha escripto para o theatro francez trabalho de mais valor que o Cyrano de Bergeric nem me parece que algum tenha manejado a lingua franceza percorrendo toda a longa escala desde o registro copioso de Rabelais, até ás mais ternas suavidades de Sully-Prudhomme.

Ha nos versos de Rostand a flexibilidade de Racine e o verbo forte de Molière. Essas qualidades peculiares a taes mestres e que muitas vezes notei espalhadas pelos differentes trabalhos de M. Edmond Rostand encontro-as todas comprehendidas no Cyrano verdadeira obra-prima do theatro francez moderno.

O theatro feminista internacional, deu

O theatro feminista internacional, deu mais uma recita, com a comedia em quatro actos e cinco quadros de M.\*\* Jane Meyerheim, e Serge Rello, L'enfant du Mari.

Não posso felicitar as auctoras. O drama é banal e está escripto, com uma tal ingenuidade, com uma tal emphase e puerilidade que não podem chamar-se absolutamente bem passadas as horas gastas a ouvil-o.

Jean de Lugny, é o marido, com todas as pequenas e grandes infamias de que esses senhores são capazes. Gilberta, a mulher, com todas as virtudes d'uma santa. Trinidad Carmona, a amante que morre tisica, depois da fuga de Jean Lugny para a America, deixando-lhe uma filha que Gilberta adoptará.

No ultimo acto Trinidad morre abençoando Gilberta, aos pés de quem o marido cae pedindo perdão, depois de a ter accusado de adulterio com Contras, seu amigo intimo.

Como disse, o assumpto é banal e a verosimilhança é tal que só poderia sêr admittida n'um livro de estampas para creanças.

Não tem merecimento litterario porque as scenas são mal deliniadas e o dialogo lento e sem côr, não tem observação porque na vida real não é exactamente assim que as coisas se passam. Nem elles são tão maus, nem ellas tão sublimes.

Paris tem sido envolvido por nevoeiros tão espessos que ha dias foi preciso que os policias de serviço na praça da Concordia, accendessem archotes para facilitar o transito. Mas, a quelque chose malheur est bon, quando se dissipa um d'esses grandes nevoeiros ao cair da noite, nada ha mais formoso do que o aspecto da praça. O solo é feito d'um betume liso como uma sala de baile e quando molhado toma o aspecto de um grande lago onde se espelham as luzes.

Vista da ponte d'Orsay, as chammas dos candieiros de gaz misturando-se com a pallida luz dos muitos globos electricos, entercalados com as silhouettes das arvores que se desenham na transparencia do ár, dão á grandiosa praça um aspecto verdadeiramente phantastico, e sem sabermos porque, lembram-nos descripções de antigas festas venezianas e surprehendemo-nos a sonhar mulheres com o rosto velado pela mascarilha, maridos ciosos com a mão no cabo do punhal, e amantes Paris tem sido envolvido por nevociros

cabo do punhal, e amantes vestidos de veludo preto, pas-seando em gondolas cheias de seando em gondolas cheias de musicos, por defronte d'algum palacio revestido de preciosos marmores, emquanto uma das janellas se entre-abre deixando adivinhar o busto gentil d'alguma nobre veneziana. Paris com os seus monumentos, com o seu ceu quasi sempre velado, dá-nos ás vezes espectos verdadeiramente encantadores, que nos fazem

encantadores, que nos fazem crer que o viajante que vem aqui passear um mez, visita os theatros, ouve as cançonetas dos cafés-concertos, percorre os museus, não conhece de Paris o que elle tem de melhor, a sua feição puramente artistica.

Madame de Mello.

## PUBLICACOES

Recebemos e agradecemos:

Recebemos e agradecemos:

Echos da Solidão — por José

Bénoliel — Lisboa — 1897.

N'uma edição luxuosa, para
cujo apparecimento muito contribuiu o benemerito e illustre camoneanista sr. dr. Carvalho Monteiro, publicou o sr. José Bénoliel, sob o suggestivo titulo de Echos da Solidão, grande numero
das suas composições poeticas, dedicando esta
collecção á memoria do mimoso João de Deus.

De estylo variado, apresentam todos esses pequeninos poemas decidido valor, demonstrando
fino talento e delicada concepção. Entre elles,
todavia, cumpre-nos destacar pela sua opportunidade e boa factura, o inspirado poemetto Vasco
da Gama, que n'outro logar publicamos, e que

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



MOSTEIRO DOS JERONYMOS - ESTATUA DO INFANTE D. HENRIQUE NA PORTA LATERAL DA EGREJA



MOSTEIRO DOS JERONYMOS — VISTA GERAL EXTERIOR DA EGREJA

rememora o grande nauta e a sua grande obra. Como o leitor verá o poemeto Vasco da Gama tem em alguns dos seus passos um estranho sa-bor, em resaibo de cantiga de cancioneiro, como

bor, em resalbo de cantiga de cancioneiro, como de melopedica xacara; de um notavel vigor epico como n'outros passos, a brilhante composição mostra-nos a energia da epopea.

Das varias partes dos *Echos da Solidão*, não é justo distinguir ou estabelecer primazias. Confessamos, comtudo, que as traducções dos proverbios de Salomão possuem inestimavel valor pelo seu conceito tão delicadamente traduzido.

Bemvindos, pois, os Echos da Solidão para o bulicio da litteratura onde, de certo, vem occupar logar de honra.

Folhas d'Arte — por Monteiro Ramalho — Lisboa — Gomes — Editor — Lisboa — 1897.

Eis um elegante volume que, na nossa rede bibliographica, escapara pela malha. A lisongeira affluencia de variados trabalhos litterarios de que nos cumulam, não permitte que noticiemos convenientemente todos esses livros cujas offertas nos honram quotidianamente. D'ahi a fuga de algum livro que os nossos collaboradores folheam com interesse, graças ao assumpto a que respeitam.

Succedeu assim com as Folhas d'Arte, o bonito volume que de Barqueiros, no Douro,

Succedeu assim com as Folhas d'Arte, o bonito volume que de Barqueiros, no Douro, nos foi enviado ha tempo pelo nosso amigo, e illustre collaborador tambem, sr. Monteiro Ramalho, escriptor muito apreciado pela sua critica integra e conscienciosa sobre coisas d'arte.

No livro, veem «transplantadas em grande parte» do nosso periodico, varias chronicas artisticas, primitivamente aqui pubicadas, e cuja resuscitação se impunha no momento que atravessamos, em que as questões artisticas, felizmente, vão merecendo cuidados a attenção. E ao nosso amigo e sr. Monteiro Ramalho, cabe a gloria de haver contribuido com boa parcella para esse resultado.

Gonstitue isso pois uma alevantada e li-

Constitue isso pois uma alevantada e li-songeira homenagem aos seus trabalhos; ho-menagem não menos grata a nós do que ao illustrado auctor das Folhas d'Arte.

Iride — rivista letteraria musicale.—Genova — 1897. — Via Maddalena, 33.

O numero presente d'esta revista italiana insere a critica ao novo drama lyrico Chatterton, em tres actos, original de R. Leoncavallo, que para elle procurou o argumento no velho drama de Alfredo de Vigny.

Redigida em logar affastado de Milão, a cidade onde as criticas musicaes são tão apaixonadas e parciaes, parece-nos ser muito para se seguirem as opiniões da nova revista, cuja collaboração é selecta e interessante. O ultimo numero recebido dá a noticia da permuta com a nossa revista. cia da permuta com a nossa revista.

Gazeta dos caminhos de ferro n.º 1 do XI anno, 1 de janeiro de 1898, Lisboa. Acaba de entrar no seu undecimo anno

de publicação esta importante e conceituada

pesta importante e conceituada revista de que é proprietario e director o nosso prezado confrade e amigo sr. L. de Mendonça e Costa.

Da prosperidade da Gazeta dos Caminhos de Ferro é penhor bastante esta já longa vida, e da sua importancia o lisongeiro apreco que sempre. lisongeiro apreço que sempre tem merecido.

Os nossos parabens.

Fabrica da Pampulha. — O sr. Eduardo Costa, proprieta-rio da fabrica de bolachas da Pampulha, offereceu este anno aos seus amigos e freguezes um lindo kalendario, que, sem duvida, sobreleva os que tem offerecido nos mais annos, em belleza e primor de execução. Este kalendario representa uma janella em estylo manuechegada de Vasco da Gama à India, quadro de bello effeito.

Ao lado direito da janella e na parte inferior está um medala. dalhão com o retrato do sr. Eduardo Costa, e sobre o me-dalhão ergue-se a figura da

patria offerecendo a palma da victoria aos navegadores portuguezes. Na parte inferior do kalendario, como que emmoldurando o medalhão e a vista da fabrica, desenham-se a ouro as medalhas das differentes exposições nacionase e a transiciones de como estra como estr exposições nacionaes e estrangeiras com que tem sido premiado o sr. Costa, um dos nossos indus-triaes mais intelligentes e que mais tem aperfei-çoado a sua industria em Portugal.

Reservados todos os direitos de propriedade artística e litteraria.

Typ. de A. E Barata Rua Nova do Loureiro. 25 a 39